

Antonio Madureira Armorial

HISTÓRIAS E PARTITURAS

1

Quinteto Armorial
Do romance ao
galope nordestino

Antonio Madureira Armorial

HISTÓRIAS E PARTITURAS

1

Quinteto Armorial
Do romance ao
galope nordestino

FRANCISCO ANDRADE

Texto e pesquisa

FRANCISCO ANDRADE

YONAN DANIEL

Transcrição musical



Letra da Cidade

Antonio pioneiro

IVAN VILELA

É interessante observar como algumas pessoas parecem já nascer com um incerto destino marcado para serem pioneiras, abrir caminhos nunca trilhados. Como se, sem perceber, fossem movidas a criar novas águas, onde muitos, depois, poderão beber.

É assim o Antonio de quem falamos. Um Antonio como tantos batizados no Brasil, com nome de santo, vida humilde e coração cheio de sonhos para serem plantados. Pessoas que acessam o saber escrito para dar vazão às muitas vozes que pulsam dentro delas, vozes indígenas e africanas que, mesmo silenciadas, sobreviveram no canto de mães ninando seus filhos, foram carregadas por gerações e geraram um grande arcabouço de conhecimentos, crenças, culturas e visões de mundo.

Nosso Antonio se insere no mundo dos grandes criadores musicais que brotam deste chão brasileiro tão prenhe de culturas populares. O que dizer de um jovem de 21 anos que, a convite do filósofo-escritor Ariano Suassuna, acaba por criar um mundo sonoro nunca antes imaginado? Plasmando percepções pessoais pela observação do mundo que o cerca, e desenvolvendo recursos a partir de sua própria visão, mesmo que esses já pudessem estar sendo utilizados, em outros países, por pessoas tidas como suas inventoras. Como o criador da corrente musical chamada de minimalismo, Steve Reich.

Antonio Madureira possivelmente concebeu seu minimalismo observando os *mínimos vitais essenciais de subsistência e sociabilidade* presentes na vida dos sertanejos do Nordeste, para usar um

conceito que Antonio Candido desenvolveu estudando comunidades caipiras na região de Bofete (SP), nos anos 1940-50, e que apresentou no livro *Os parceiros do Rio Bonito* (1964). É também a admiração por expressões artísticas japonesas ligadas ao zen, como o ikebana, a arte do chá e o haicai, que reforça em Madureira a tendência a uma certa economia de recursos.

O jovem Madureira trouxe de seu interior criativo um mundo musical que se estabeleceu como uma estética sonora, um novo jeito de construir música. Espelhando a cultura popular de forma erudita, criou sua própria maneira de tocar a viola, de tocar o violão, de compor para bailados populares, de fazer arranjos para cantigas de roda. Com sua mente e seu espírito de profundas raízes e grandes asas, espalhou a sonoridade armorial pelo Brasil e o mundo, e entre músicos jovens que buscam seu caminho a partir dela.

Esta coleção foi concebida para fazer sua obra circular, facilitar o acesso a ela por parte dos músicos que queiram tocá-la, e romper barreiras dentro de conservatórios e faculdades que ainda insistem em tratar como música de câmara somente a produção dos compositores europeus. As obras legadas pela cultura europeia possuem imenso valor dentro do nosso fazer musical. Mas, como brasileiros, havemos de convir que somos mais diversos.

Diverso e plural

INSTITUTO ÇARÊ

O Movimento Armorial, cunhado a partir da década de 1970 em torno de uma proposta educativa e estética de Ariano Suassuna, tem no compositor, violonista e arranjador Antonio Madureira um de seus artistas mais fundamentais. Precursor, coube a ele, em grande parte, dar forma musical ao projeto de Suassuna, trabalhando as sonoridades pungentes e rascantes da tradição nordestina com inventividade intuitiva e ferramentas de composição contemporâneas. Ao aproximar universos em geral tão apartados, oferece uma enorme contribuição à música e à cultura do Brasil.

Organizado em uma série de três volumes, *Antonio Madureira Armorial* contempla as obras compostas por Madureira para os grupos Quinteto Armorial e Quarteto Romançal, totalizando quarenta peças, registradas originalmente em seis discos: *Do romance ao galope nordestino*, *Aralume*, *Quinteto Armorial*, *Sete flechas*, *Quarteto Romançal* e *Tríptico – No reino da ave dos três punhais*. Além das partituras, a série traz um conjunto de textos que abordam a obra de Madureira do ponto de vista histórico, contextualizando-a no âmbito do Movimento Armorial e iluminando sua influência seminal na produção estética de um vasto conjunto de artistas, pensadores, pesquisadores e agentes culturais, de vertentes diversas da dança, do teatro, das artes plásticas, da música e da literatura, a partir da riqueza única do Nordeste brasileiro.

Este primeiro volume traz as obras do disco *Do romance ao galope nordestino* em grade para os instrumentos do Quinteto Armorial. Com prefácio de Bráulio Tavares

e texto do pesquisador Francisco Andrade, reúne depoimentos de artistas e pesquisadores sobre a trajetória e a música de Madureira. Em uma ilustração criada especialmente para a série, o artista brincante Adelsin convoca o pequeno Zoca – personagem inspirado em Madureira e batizado com o apelido pelo qual os amigos o conhecem – ensina a confeccionar um berimbau de lata, instrumento artesanal e popular nordestino que inspirou o marimbau usado pelo Quinteto.

A salvaguarda e a difusão de obras que marcaram pontos de inflexão na história da música brasileira, desfazendo os interditos do elitismo e enriquecendo com novas fusões e descobertas um panorama já tão diverso e plural, são parte intrínseca da missão do Instituto Çarê. Esta coleção nasce do desejo de que a música de Antonio Madureira permaneça viva e vibrando entre nós para sempre. Que ela motive novos projetos e leituras. Viva Antonio Madureira!

8 Um caminho luminoso e lancinante
BRAULIO TAVARES

16 Aurora armorial
FRANCISCO ANDRADE

57 PARTITURAS
Do romance ao galope nordestino

57 Excelência

65 Repente

83 Revoada

103 Romance da bela infanta

108 Romance de Minervina

112 Toada e dobrado de cavahada

138 Toré

150 Como fazer um marimbau de lata
ADELSIN

152 Colaboradores

Um caminho luminoso e lancinante

BRAULIO TAVARES

Para muitos nordestinos, o aparecimento do Quinteto Armorial, criado por Ariano Suassuna no Recife no começo dos anos 1970, foi um reencontro improvável com formas musicais (melodias, sonoridades, timbres, cadências) ouvidas desde a infância, mas que agora vinham de outra direção.

Depois de algum tempo de atuação no Recife, os integrantes do Quinteto transferiram-se para Campina Grande, onde tinham sido contratados como professores da Universidade Federal da Paraíba, Campus II. Foi então que conheci todos eles, principalmente Antonio José Madureira, “Zoca” para os amigos.

Sou natural de Campina Grande, mas havia passado dois anos em Belo Horizonte, estudando na Escola Superior de Cinema da UCMG, na praça da Liberdade. Minha volta a Campina Grande se deu em 1972 e, nessa época, o Movimento Armorial, o *Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, e a música do Quinteto Armorial já eram parte essencial de nossas discussões sobre cultura popular, música, nordestinidade e assim por diante.

Mergulhados na leitura do romance de Ariano, eu e meus amigos travávamos uma batalha verbal cotidiana na tentativa de fazer encaixar as peças tão díspares da cultura popular e da cultura erudita na proposta ousada do Movimento Armorial. Era um processo ideológico sofrido e contraditório, ainda mais porque todos nós – estudantes jovens, aspirantes a escritores, poetas, músicos, pintores, atores e atrizes – éramos, ao mesmo tempo, armorialistas, tropicalistas, concretistas, roqueiros, blueseiros e existencialistas.

A música do Quinteto era um caminho luminoso no meio dessa cerração. Naquela música e naqueles músicos víamos os passos

de quem havia largado muito à frente e já estava *recriando* o quebra-cabeça, em vez de simplesmente tentar entendê-lo. Uma recriação em que estavam presentes não só certas formas de expressão que já conhecíamos da música erudita, mas também as sonoridades dos músicos de rua, dos emboladores de coco da Estação Rodoviária, dos cantadores de benditos, das ceguinhas com seus ganzás na feira de Campina.

“Lancinante” é um dos adjetivos usados com frequência por Ariano Suassuna para tentar descrever a música armorial, uma música bruta, aguda, que percute, que fere, que retine, que arranha, que acutila, que rasga. Uma música realista, que se atrevia a usar vareta de ferro, arame e caco de vidro.

Por cima disso, ela trazia de volta as melodias de aboios, de cânticos das lavadeiras do rio, das harmonias em terça das duplas de vaqueiros... E as cadências tão reconhecíveis (para os que começavam a se aventurar na poesia escrita) das sextilhas e septilhas, dos martelos, galopes e mourões.

A música armorial, de que Antonio José Madureira foi um dos principais criadores, floresceu nesse território iluminado pelo sol do sertão e pelas lâmpadas dos salões universitários. Durante a década de 1970, quando foram traçados e implantados os primeiros alicerces da música armorial, fonte de tanta inspiração para o trabalho posterior de Madureira, Ariano Suassuna desenvolvia, em seus textos, o impulso que o levou à criação dessa ponte.

Um dos momentos mais musicais e mais emocionantes da prosa de Ariano está no romance *O rei degolado: livro II, as infâncias de Quaderna*, publicado em forma de folhetim pelo *Diário de Pernambuco* entre maio de 1976 e junho de 1977 e inédito

em livro. Nos folhetos (capítulos) 52 e 53, “O caçador que tomou a princesa do diabo”, o menino Pedro Dinis Quaderna é levado pelo cantador João Melchíades para conhecer seus irmãos bastardos, meninos pobres que seu pai, como um garanhão insaciável, espalhou pelos arredores da cidade de Taperoá.

Então nos aproximávamos já do Rio, eu e João Melchíades. Começavam a aparecer os grandes Lajedos e pedras lisas de todos os tipos que recobriam seu leito seco. A areia, aqui e ali, faiscava, com o Sol tirando fagulhas nos quartzos, malacachetas e cristais de rocha, reduzidos a pó pelo Tempo e disseminados assim dentro dela.

Cruzamos esse leito e então, do outro lado do Rio, começamos a nos aproximar de um enorme Lajeiro baixo, onde eu veria uma cena da qual jamais me esquecerei.

Ali estavam doze dos meus irmãos bastardos. Um deles era Matias, o escultor e imaginário que eu já conhecia. Ele e nove outros empunhavam instrumentos musicais, se bem que naquele exato momento em que os avistei não estivessem ainda tocando.

Virgolino estava com uma viola sertaneja, Sílvio com uma rabeca, Antonio com um pífano de taboca, Gregório com um berimbau de lata, Augusto com um violão. Matias segurava um tambor feito de madeira e couro de bode, Taparica um reco-reco, Cícero um ganzá, Damião um triângulo e José Maria um pandeiro. Quanto a Tabajara e Feliciano, foram eles que causaram a princípio a maior impressão em mim, pois estavam vestidos de Guerreiros e empunhavam espadas.

Os meninos estão felizes em receber o meio-irmão ilustre, filho “de família”, de mãe reconhecida, e, para recebê-lo, fazem um

concerto rústico com seus instrumentos.

Quaderna comenta:

Quando eu despontei perto do Lajeiro com João Melchíades, esses dois, que não me viam, começaram uma estranha dança, ao som de uma toada de ponteio executada ao violão por Augusto. O ritmo forte da dança era marcado pelo entrechoque das espadas, cujo tinido metálico de ferro no ferro fundia-se, como que a fogo, com a luz de cobre incendiado do Sol.

– Ara, ferro, pedra, sol e lume – murmurou João Melchíades perto de mim, e suas palavras lançaram uma encantação mais embriagadora na possessão avassalada do meu êxtase. Diferentemente dos violões chorados e meio sentimentalmente pegajosos do Litoral, aquele era um ponteado viril, cuja máscula garra fundia-se, formando um todo perfeito com ela, com a dança ensolarada do combate das espadas.

Ariano contrapõe essa música tosca, em bruto, carregada de desespero criador, à música dolente, nostálgica e autolamentosa do litoral.

Quaderna explica que todos aqueles meninos de rua eram famintos, incultos e doentes. Um é cego, outro é aleijado, outro é sem nariz, outros têm doenças variadas...

Eu sentia que, por serem servos das divindades selvagens, oblíquas e subterrâneas da Arte, por serem escorraçados, pedintes e pobres – e cegos, e aleijados, e doidos ou chagados como o profeta Jó – eles estavam, mais do que todos os que eu conhecera até ali, em comunicação profunda com o segredo indecifrável do Mundo – o cegador e enlouquecedor do Homem – e ambulavam, como Cegos-mendigos que eram, pelos ásperos caminhos do Deus Terrível, do Aureadugo, do Jaguaraiar, o sagrador da Vida e da Morte.